

AMOR E TEMPO

Cinara Nahra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, v. 22, n. 38
Maio-Ago. 2015, p. 137-153

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



Resumo: Neste ensaio literário/filosófico discutiremos o tema do amor e do tempo com uma abordagem mesclada entre a filosofia analítica e a filosofia continental. Inicialmente analisamos a proposta do *enhancement* do amor, de Julian Savulescu e Andre Sandberg, e, após, utilizamos textos literários e poesias para discutir os efeitos da passagem do tempo sobre os amores e sobre o amor. É possível que o amor sobreviva ao tempo? Existem amores que são para sempre? Estas são algumas das questões que trataremos aqui.

Palavras-chave: Amor; Tempo; *Enhancement* do amor; neurociência do amor.

Abstract: In this literary/philosophical essay I will discuss the subjects of love and time with an approach that uses both analytic and continental philosophy. Firstly I discuss the idea of enhancement of love proposed by Julian Savulescu and Andre Sandberg and then I make use of literary texts and some poetries in order to discuss the effects of the passage of time on love. Is it possible that love survives time? Is it possible to love someone for the whole life? These are some of the issues discussed here.

Keywords: Love; Time; Enhancement of love; Neuroscience of love.

“Só ri das cicatrizes quem ferida nunca sofreu no corpo”
William Shakespeare

Há uma frase que constantemente martela a minha mente: “o amor é uma flor roxa que nasce no coração do trouxa”. Esta frase trago de antigas recordações de infância. Lembro muito bem das brincadeiras no antigo Grupo Escolar Roque Callage na cidade de Porto Alegre (RS), no qual fiz todo o meu primeiro grau, quando ouvia esta frase. Não conseguiria, é claro, lembrar quem era o colega que a pronunciava, nem se era apenas um, ou vários; lembro apenas das vozes vindas daquele tempo, provavelmente há mais de 40 anos atrás, no início da década de 70.

Lembrei-me, então, que já antes de ouvir esta frase eu associara amor a flores roxas, na minha infância. Assim não poderia deixar de ser. Lembro-me ainda muito pequena colhendo na primavera as flores caídas dos jacarandás floridos na rua em que vivi naqueles tempos, até os meus 10 anos de vida, a Rua Giordano Bruno, no bairro Bom Fim em Porto Alegre. Durante a primavera operava-se o milagre e aquelas árvores com galhos verdes, que no outono amarelavam ou perdiam suas folhas, se renovavam na primavera e faziam da rua um tapete roxo. Uma das minhas diversões prediletas era coletar no chão as mais bonitas e oferece-las a minha mãe, aos meus tios e tias, a minha madrinha, enfim, a todos aqueles que na época eu amava. Eu não apenas oferecia as florezinhas como ficava ofendida se eles não guardassem o presente. Lembro muito bem que um dia a minha madrinha me explicou que ela as guardava, mas que as flores guardadas não duravam mais de um dia intactas, porque era da natureza das flores do jacarandá, uma vez caídas, rapidamente murcharem e morrerem. Esta explicação foi para mim um choque. Na minha inocência infantil eu não percebia isto... Para mim as flores durariam para sempre, assim como para sempre seria o amor que eu tinha para com os meus entes queridos e o amor e o cuidado que eles tinham por mim. Para mim, as flores oferecidas a quem se gosta seriam batizadas por algo mágico ou

divino e teriam assim o dom de serem diferentes das demais, não murchando jamais. Talvez ali naquele dia eu tenha aprendido que a natureza era implacável com todos, mesmo com aqueles que amam. Porém, mesmo morta a ilusão, eu continuei oferecendo as florezinhas do jacarandá àqueles a quem eu amava, até o dia em que nos mudamos, mais ou menos quando eu tinha 10 anos de vida. Eu voltei algumas vezes ainda àquela rua, os jacarandás ainda estão lá, mas eu nunca mais colhi aquelas flores para oferecê-las, embora meu coração, até hoje, nunca tenha desistido de teimar em presentear com florezinhas imaginárias todos aqueles a quem amo, e todos aqueles a quem amei, mesmo tendo definitivamente aprendido agora a lição da minha querida madrinha, hoje também ela falecida, de que, sim, murcham as flores, mesmo aquelas tocadas pela mágica do amor.

Julian Savulescu e Anders Sandberg (2008), no artigo *Neuroenhancement of Love and Marriage: The Chemicals Between Us*, já perceberam, sob o ponto de vista da ciência, que murcha o amor. Afirmam eles no *abstract* do artigo que eles examinarão as possibilidades de manipulação do desejo, da atração e do envolvimento, no assim chamado *neuroenhancement* do amor. Savulescu e Sandberg¹ lembram que há uma razão para o desencontro do desejo, em casais heterossexuais, já que estudos mostram que o desejo feminino por intimidade sexual diminui à medida que a relação avança os anos, enquanto o desejo masculino permanece constante. Por outro lado o desejo por carinho (*tenderness*) diminui nos homens, mas aumenta nas mulheres, enquanto que a atividade sexual e a satisfação diminuem em ambos os gêneros com o passar do tempo. Esta discrepância, apontam eles, causa problemas na relação e aumenta o risco da infidelidade masculina acontecer. Mas o mais interessante no artigo é que Savulescu e Sandberg lembram que por trás do amor está um conjunto de sistemas cerebrais

¹ 2008, p. 36, citando Klusmann (2002; 2006).

ordenados para a atração e luxúria, atração romântica e envolvimento, que evoluíram entre os mamíferos.

Como nos explica Carmita Abdo (2013), há cerca de 30 anos os pesquisadores identificaram que os relacionamentos amorosos são constituídos por três etapas: atração, envolvimento e vínculo. Em cada fase, diferentes hormônios atuam para manter o casal unido. A fase da atração é o estado da luxúria, da busca da satisfação sexual. A principal região cerebral ativada é o sistema de recompensa cerebral, conectada com o núcleo caudal. Os hormônios em ação são a testosterona e a dopamina. A segunda fase do amor é o envolvimento, momento no qual começa a ser criado um vínculo maior entre as pessoas que se atraíram. É a fase da paixão propriamente dita. As principais regiões cerebrais ativadas são a área tegmental ventral, o locus cerúleo e os núcleos da rafe. Nesta fase a dopamina continua agindo, mas atuam também a norepinefrina (no locus cerúleo) que é um neurotransmissor que produz alegria e energia, mas pode causar também falta de sono e perda de apetite, além de ocorrer uma inibição da serotonina (nos núcleos da rafe), que está associada à fixação no ser amado. A terceira fase é a do vínculo, trazendo calma, paz e segurança e que faz com que o casal permaneça junto por mais tempo e gere descendentes. A principal região cerebral ativada nesta fase é a hipotálamoventral e os principais hormônios em ação a oxitocina e a vasopressina, que agem no sistema cerebral de recompensa, criando uma relação entre vínculo e prazer, estimulando assim a fidelidade. A má notícia aqui, senhoras e senhores, é que aquela atração e aquela paixão, características da primeira e da segunda fase do amor, tem hora marcada para acabar. Assim como as flores murcham, a paixão acaba, podendo sim ceder espaço a esta outra coisa, que surge com a entrada em cena da oxitocina, que podemos chamar, talvez, de terceira fase do amor.

Aqui podemos voltar por um momento a Savulescu e Sandberg, que observam que, de um ponto de vista hedônico, o amor é dese-

jável, mas não sempre. Segundo os dois, citando vários estudos², relações íntimas promovem muitas formas de bem estar e estar casado tem um forte efeito positivo sobre a felicidade. O amor é saudável – dizem estas pesquisas citadas –, laços sociais fortes, melhoram a satisfação com a vida e reduzem a depressão e o *stress*. A interação com esposas/esposos e a família reduz a pressão do sangue. Por outro lado, o murchar das flores tem seu custo para a saúde. Separações e divórcios não são saudáveis. Os níveis de felicidade diminuem e os riscos da depressão aumentam entre pessoas separadas e divorciadas.

Se assim é, por que não dar uma ajudinha ao amor que vá muito além daqueles que agem como cupidos? Por que não pedir à química que cumpra este papel? O que podem fazer a testosterona, os feromônios, a oxitocina, estes cupidos pós-humanos? Savulescu e Sandberg nos lembram que a modelação dos cheiros pode reforçar os laços entre as pessoas. A administração da testosterona pode aumentar o desejo sexual em mulheres e homens, e dado a crescente disparidade no interesse sexual entre estes, à medida que a relação continua, pode sincronizar os níveis de desejo, aumentando ou diminuindo este em um dos parceiros, podendo assim ajudar a melhorar as relações. A adição extra de oxitocina, lembram Savulescu e Sandberg, poderia promover a confiança e reduzir o negativismo em algumas relações, reforçando uma atitude mais positiva sobre a relação. Eles observam que podemos pensar em manipular a testosterona, a dopamina e a oxitocina para atingir certos fins, como o reforço dos laços entre os pares, administrando os fármacos corretos para as pessoas que estão em uma relação³.

² Savulescu; Sandberg, *op. cit.*, p.34, citando Myers (1999), Jankowiak; Fischer (1992), Uchino; Holt-Lunstad; Smith; Bloor (2004).

³ *Ibid.*, p. 36. Savulescu e Sandberg dizem que os fortes sinais de dopamina e oxitocina produzidos durante as primeiras fases românticas da relação e durante a interação sexual provavelmente agem como sinais de aprendizado. Eles ajudam a imprimir detalhes do parceiro, associações emocionais positivas e hábitos relacionados à relação. Isto poderia ser utilizado para reforçar os

Para Savulescu e Sandberg, dado o efeito demonstrado destas substâncias e o rápido crescimento do conhecimento da neurociência do amor, é provável que apareçam muito mais tratamentos específicos afetando a atração, o envolvimento e o vínculo no futuro próximo, ou seja, afetando diretamente as três fases do amor. A aposta de Savulescu e Sandberg é a de que estes fármacos ajudem na realização de terapias de casais mais efetivas, assim como na modulação dos laços entre os casais, nos níveis de desejo sexual e mesmo na escolha dos parceiros. Parece que, para Savulescu e Sandberg, seria moralmente aceitável não apenas usar fármacos que fizessem desabrochar as flores que murcham, mas, também, que fizessem incendiar a chama da paixão, quando esta é inexistente. E por que não? A opção oferecida por Savulescu e Sandberg faz com que se abra a possibilidade de que venhamos a poder desejar a quem queremos desejar, mas não desejamos, que possamos amar aqueles a quem desejamos amar, mas não amamos. Savulescu e Sandberg não dizem, mas isto nos abre também a possibilidade inversa, ou seja, de que através dos fármacos, alquimia contemporânea, possamos deixar de desejar aqueles que não queremos mais desejar, e que deixemos de amar aqueles a quem não mais queremos que sejam nossos amados. Escolheríamos então o amor, amor que hoje nos escolhe. E o amor não seria mais uma questão de... sorte!

Mas, ao descrever as fases do amor mostrando o que acontece em nós quando nos apaixonamos e desvendando a química por trás do nosso comportamento, teria então a ciência revelado o que é o amor? Mesmo que o tenha feito, esta revelação é parcial. A ciência pode descrever o que é o amor em termos dos processos químicos e neuronais que acontecem em nosso corpo, mas mesmo que um dia venhamos a compreender todas as facetas neuronais do amor, teríamos compreendido então o que é o amor? Mas o que

laços entre os casais administrando a droga correta aos indivíduos enquanto eles estão em contato com seus parceiros.

é, afinal, o amor? Lembremo-nos da seguinte passagem de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare (2000)⁴:

JULIETA - Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio tu não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome, e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteira.

ROMEU - Sim, aceito tua palavra. Dá-me o nome apenas de amor, que ficarei rebatizado. De agora em diante não serei Romeu.

JULIETA - Quem és tu que, encoberto pela noite, entras em meu segredo?

ROMEU - Por um nome não sei como dizer-te quem eu seja. Meu nome, cara santa, me é odioso, por ser teu inimigo; se o tivesse diante de mim, escrito, o rasgaria.

JULIETA - Minhas orelhas ainda não beberam cem palavras sequer de tua boca, mas reconheço o tom. Não és Romeu, um dos Montecchios?

ROMEU - Não, bela menina; nem um nem outro, se isso te desgosta.

JULIETA - Dize-me como entraste e por que vieste. Muito alto é o muro do jardim, difícil de escalar, sendo o ponto a própria morte – se quem és atendermos – caso fosses encontrado por um dos meus parentes.

ROMEU - Do amor as lestes asas me fizeram transvoar o muro, pois barreira alguma conseguirá deter do amor o curso, tentando o amor tudo o que o amor realiza. [...]

Não interessa o nome que damos ao amor e aos amantes; não deixará o amor de ser, por isso, menos amor. Em outras palavras, mesmo que sejamos capazes de compreender perfeitamente pela

⁴ Ato 2, Cena 2, p. 54-56.

ciência os mecanismos do amor, e mesmo que nos incomode a compreensão de sua regularidade, transformando-o em um fenômeno tão previsível quanto qualquer outro, o amor não será menos amor por isto. Quando nos encontrar, ele há sempre de nos arrebatá-lo, mesmo que saibamos que isto nada mais é do que o efeito da testosterona e da dopamina em nós. E o que isso importa? *Dá-me o nome apenas de amor, que ficarei rebatizado. De agora em diante não serei Romeu.*

Mas o que dizer, diante disto, da proposta de Savulescu e Sandberg de modelar o amor através de fármacos? A proposta do aprimoramento biotecnológico do amor e que tem eco em vários autores pro-*enhancement* é, no fundo, algo que está na raiz de toda esta tradição filosófica, ou seja, a recusa a aceitarmos a morte. “*Do not go gentle into that good night*” (Não caminhe gentilmente para esta boa escuridão) nos dizia Dylan Thomas, em uma poesia escrita diante da iminente morte de seu pai. “*Rage, rage against the dying of the light*” (fique enfurecido diante da luz que se vai), “*Blind eyes could blaze like meteors and be gay*” (os olhos cegos podem brilhar como meteoros, e ser alegres, novamente). Ao recusar-se a aceitar que nos dobremos diante da morte, como se uma fatalidade ela fosse, a proposta do *enhancement* do amor é a de ressuscitar, artificialmente, as florezinhas roxas que naturalmente murcham. Mas se um dia isto for possível, seria, porém, desejável? Seria ético fazê-lo? Proponho aqui que nós invertamos a pergunta e questionemos a natureza por colocar prazo de validade na paixão. Por que errado seria que nos rebelássemos e lutássemos de todos os modos para permanecer na luz do amor? Não é nada além disso que pretendem Savulescu e Sandberg ao propor que manipulemos a testosterona, os feromônios, a oxitocina, na tentativa de modelar o amor, e não deixar que ele se vá, ou então, na tentativa de que tomemos as suas rédeas, sendo capazes, quem sabe, um dia, de escolhermos quem serão os Romeus e as Julietas por quem nos apaixonaremos. Seria o amor menos amor se assim o fizéssemos? Não creio. Por outro lado, evitaríamos, assim procedendo, as tragé-

dias como a de Romeu e Julieta? Também não o creio, e não penso que seja este o sentido da proposta de Savulescu e Sandberg.

O aprimoramento biotecnológico do amor não fará, penso, que as histórias de amor deixem completamente de ter finais infelizes. A última cena do desafortunado amor descrito por Shakespeare mostra a que veio a peça: “Uma sombria paz esta manhã nos trouxe,/ e o sol, em pêsames, não aparecerá./ Vamos, pois, falar mais desta triste estória;/ alguns devem ser perdoados e outros punidos./ Pois nunca houve estória de maior dor/ do que esta, de Romeu e Julieta” (tradução minha)⁵. A manipulação de nenhum hormônio seria capaz de reverter o triste destino do casal. A poção administrada pelo Vigário para que Julieta parecesse estar morta quando viva estava funcionou perfeitamente; foi a mensagem destinada a Romeu que não encontrou seu destinatário. E isto é parte do imponderável que hoje acontece e provavelmente sempre acontecerá nas aventuras e desventuras do amor, ou seja, os desencontros, o ruído na comunicação, as diferenças sociais e/ou econômicas, a desarmonia de propósitos de vida, enfim, uma série de fatores sociais e existenciais que continuarão a existir mesmo que cheguemos um dia a controlar e manipular completamente a testosterona, os feromônios e a oxitocina, estes fermentos do amor.

Sim, talvez um dia programas de computador sejam capazes de designar o par perfeito para nós, e sejamos então finalmente capazes de encontrar a metade perdida no mito platônico do andrógino descrito no *Banquete*, tarefa que hoje é quase inglória e está submetida basicamente aos desígnios da fortuna. Talvez então o amor deixe de rimar com dor, mas será mesmo isto o que queremos? Esse amor perfeito, mesmo que ele signifique o encontro com a nossa metade perdida, nos dando a tão sonhada plenitude, não perderia

⁵ Shakespeare, *The Complete Works*. V. Shakespeare, 2000, p. 172 (Ato 5, Cena 3, final). No original lê-se: “A glooming peace this morning with it brings;/ The sun for sorrow will not show his head:/ Go hence, to have more talk of these sad things;/ Some shall be pardon’d, and some punished;/ For never was a story of more woe/ Than this of Juliet and her Romeo”.

um pouco do seu encanto ao ser localizado por um super *software* do amor? Talvez sim, talvez não; deixo com vocês a reflexão.

E já pegando carona, então, com o mito platônico da androginia, entro aqui em outro tema: o do amor homoerótico. A maioria das reflexões que estão sendo feitas em relação à neuroquímica e os aspectos biológicos do amor tomam como padrão o amor heterossexual. Deste ponto de vista explica-se o desencontro sexual que já descrevi acima, à medida que, segundo os estudos, em geral o desejo masculino permanece constante com o passar do tempo, e o desejo sexual feminino tende a declinar. Conversamente, o desejo feminino por carinho e companheirismo aumentaria com o tempo, mas diminuiria nos homens, sendo esta combinação uma receita para o desastre amoroso. Do ponto de vista do amor homossexual, porém, essa dissintonia não existiria. Por que então murchariam também as flores *gays*? Na realidade, infelizmente, há uma deficiência enorme de estudos científicos sobre aspectos biológicos e neurocientíficos do amor homossexual, do amor entre Romeus e Romeus, entre Julietas e Julietas, mas uma coisa por certo sabemos: o amor entre homens e o amor entre mulheres também açaba, as alegres flores *gays*, sejam elas violetas ou rosas também murcham. E por que, então, murcham as flores do amor *gay*, mesmo não havendo a dissincronia biológica descrita anteriormente que o passar do tempo normalmente traz aos heterossexuais? Simplesmente porque a lógica do amor (e com ela também a da desilusão amorosa) é muito mais complexa do que se pode imaginar. A influência do tempo sobre os casais, e a influência do tempo sobre aqueles que um dia se amaram, é ainda completamente incompreensível. Na poesia denominada “O tempo seca o amor”, nos diz Cecília Meireles:

O tempo seca a beleza,
seca o amor, seca as palavras.
Deixa tudo solto, leve,
desunido para sempre
como as areias nas águas.

Amor e tempo

O tempo seca a saudade,
seca as lembranças e as lágrimas.
Deixa algum retrato, apenas,
vagando seco e vazio
como estas conchas das praias.

O tempo seca o desejo
e suas velhas batalhas.
Seca o frágil arabesco,
vestígio do musgo humano,
na densa turfa mortuária.

Depois deste duro veredito, porém, a última estrofe desta belíssima poesia de Cecília, entretanto, surpreendentemente rebela-se contra as outras e parece indicar que há amores e flores que, na Terra, não secam. Diz-nos Cecília:

Esperarei pelo tempo
com suas conquistas áridas.
Esperarei que te seque,
não na terra, Amor-Perfeito,
num tempo depois das almas.

Haverá então o amor perfeito? Haverá a flor que não murcha na terra? O que dizer dos casais que permanecem juntos e se amando por 50, 60 anos? Vejam a seguinte história verdadeira de 2014:

Juntos há 65 anos, Italvino Possa, de 89 anos, e Diva Alves de Oliveira Possa, de 80, morreram com cerca de 40 minutos de diferença. Ele foi vítima de uma leucemia. Ela, acometida por um tumor na bexiga, partiu logo depois. O casal passou os últimos momentos de mãos dadas, com as camas juntas em um quarto [do hospital São Lucas da PUCRS]. [...] Italvino e Diva se conheceram durante um baile em 1948 no interior do RS e, um ano depois, se casaram. “Ele sempre frisava que era um ano a mais de casado, porque o que contava era o início do namoro. Se considerava um eterno namorado”, conta [o neto, que afirma também que] em todos estes anos de união, Italvino jamais deixou o romantismo morrer. Preparava o café da manhã para a amada e mantinha uma horta no pátio com as verduras “ao gosto dela”. Além disso, a presenteava com

flores. “Em todos os dias dos namorados, ele sempre comprou rosas para ela’, conta [o neto]”.⁶

A flor do seu Italvino e da dona Diva parece que só murchou com a morte destes, e quiçá talvez não seque nem no tempo depois das almas. Mas o que dizer dos Romeo e Julietas, dos Romeus e Romeus e das Julietas e Julietas que de amor e por amor morreram? O que dizer também daqueles que nunca encontraram as suas outras metades e continuam sob o efeito da maldição de Zeus, procurando o que este lhes tirou? O que dizer dos tempos de absoluta depuração que descreve Drumond na poesia “Teus ombros suportam o mundo”, aquele tempo em que não se diz mais “meu amor”, porque o amor resultou inútil, e o coração está seco? O que fazer quando, depois da desilusão, seca o coração? Por que seca o coração? Antes de falar sobre isto, já me dirigindo para o fim, falo um pouco sobre o amor patológico.

Fala-se de uma nova síndrome psiquiátrica que seria o amor patológico. O componente central na avaliação do amor patológico⁷ seria “a caracterização do comportamento – repetitivo e sem controle – de prestar cuidados e atenção ao objeto de amor (parceiro) com a intenção (nem sempre revelada) de receber o seu afeto e evitar sentimentos pessoais de menos valia”. Os autores afirmam também que O “*love addiction*” (vício do amor), como vem sendo denominado por alguns autores, deve ser diferenciado do amor saudável, no qual o comportamento de cuidar do parceiro ocorre com controle e duração limitada, e o desenvolvimento e a realização pessoal são preservados.

Sinceramente falando, e com todo respeito à psiquiatria e aos psiquiatras, penso que talvez, sim, existam amores doentios e

⁶ A história de Italvino e Diva está disponível no *link* do *Olhar Direto* de 7/10/2014 (<http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=379935>). Acesso em: 7 jul. 2015.

⁷ Cf. Sophia; Tavares; Zilberman, 2007.

talvez exista, sim, o vício do amor, um tipo de amor que é prejudicial ao indivíduo. Tenho minhas dúvidas que o excesso de cuidado possa ser a característica maior de uma doença, mas vamos admitir que sim, que ao sair da mediania estamos fora da virtude, como nos ensinava o velho Aristóteles, e que o cuidado estaria incluído nesta categoria. Mas será mesmo? Será que o excesso de atenção e zelo é doentio? E, se for doentio, não seria muito mais doentio a ausência completa de cuidado em uma relação amorosa? Seria tal relação, sem zelo, possível até mesmo de ser chamada de amor? Se cuidar demais é doentio e cuidar de menos nem mesmo amor é, qual seria a dose certa do cuidado? Qual é a dose certa do amor? Certamente não há uma resposta objetiva para isto e talvez seja esta a grande pergunta de todos os amantes: qual a medida certa do amor? Existe medida certa no amor? O quão prudente é que nos entreguemos em uma relação? Existe prudência no amor? Não seria todo amor um tipo de vício, um doce vício? Não estaria certo Umberto Eco (2009) em *O Nome da Rosa*, lembrando Ibn Hazn, que define o amor como uma doença rebelde que tem sua cura em si mesma, sendo que quem está doente não quer curar-se e quem está enfermo não quer recobrar-se?

Ano passado visitei a Rua Giordano Bruno, aquela dos jacarandás, onde vivi a minha infância. Não era mais um dia primaveril, mas uma linda manhã de outono. Não sendo primavera, não estavam floridos os jacarandás e não pude colher as suas flores roxas. Passei em frente aos dois prédios que marcaram minha infância, o 226, onde morava minha mãe e meus irmãos, e o 153, onde moravam meus tios, ambos em apartamentos de número 3. O 226 se chama ainda hoje edifício Galo e lembrei meu tio avô a me dizer que todos os dias às 6h um galo cantava do alto do prédio anunciando a manhã que chegava. Sorri, porque hoje sei que não é verdade o que outrora acreditei. Mas no que das coisas em que acreditava naquele tempo ainda acredito? O que ainda nos une às crianças que fomos? O que teria sobrevivido de todos os sentimen-

tos que um dia tivemos? Lembro que caminhei até o final da rua, na direção da Avenida Protásio Alves e, na esquina, meu celular disparou. Por algum motivo começaram a tocar, um após o outro, sem nenhuma explicação, todos os sons de toques daquele celular Nokia que por muito tempo usei. Toquei sem querer na função do som dos toques do celular, raciocinou a mulher racional e com mente científica que aprendi a ser. Recebo uma ligação do passado, deve ser a minha madrinha querendo me dizer algo, pensou a menina espiritual e mística que nunca deixarei de ser. Qual leitura do mesmo fato é a verdadeira? Seriam ambas? Não sei, mas naquele dia, em que eu tentava prestar contas e homenagem a minha infância e a todos aqueles que se foram, inclusive os amores, lembrei uma vez mais das flores roxas que, naquele dia, por ser outono, não estavam lá. Vem-me agora novamente à mente as vozes dos amiguinhos da escola gritando “o amor é uma flor roxa que nasce no coração do trouxa”. Seria isso o amor? Não creio que seja, mas confesso que ainda hoje não sei definir o amor; sei apenas senti-lo, e sei que assim como as florezinhas roxas caídas do jacarandá, ele murcha. Será, então, que não existe o amor perfeito cantado no verso rebelde de Cecília Meireles?

Passou o tempo, sempre passa o tempo, amores se foram, outros vieram tudo passa neste ciclo eterno da vida, que vai e vem, e se repete. Será que ainda te amo? Para quem perguntamos isto? Para todos os amores que tivemos em nossas vidas? Todos ainda estão lá e todos passaram. Passou o tempo, passaram os amados, as amadas e os amantes, mas nunca passará o tempo de amar, porque o amor é sempre perfeito na sua imperfeição, como o tempo, que passa, e que fica no passado, mas sempre volta no futuro, presenteando a vida. E o futuro, enquanto vivermos, sempre há de vir, e sempre há de nos surpreender e nos transformar, como também nos transforma, sempre, o amor. Recordo então aqui, para finalizar, as palavras de Fernando Pessoa, como Bernardo Soares, no *Livro do desassossego*:

Viver é ser outro. Nem sentir é possível se hoje se sente como ontem se sentiu: sentir hoje o mesmo que ontem não é sentir – é lembrar hoje o que se sentiu ontem, ser hoje o cadáver vivo do que ontem foi a vida perdida.

Apagar tudo do quadro de um dia para o outro, ser novo com cada nova madrugada, numa revirgindade perpétua da emoção – isto, e só isto, vale a pena ser ou ter, para ser ou ter o que imperfeitamente somos.

Esta madrugada é a primeira do mundo. Nunca esta cor rosa amarelecendo para branco quente pousou assim na face com que a casaria do oeste encara cheia de olhos vidrados o silêncio que vem na luz crescente. Nunca houve esta hora, nem esta luz, nem este meu ser. Amanhã o que for será outra coisa, e o que eu vir será visto por olhos recompostos, cheios de uma nova visão.

Referências

ABDO, Carmita. Entrevista ao jornal *Zero Hora*. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vida/noticia/2013/12/pesquisas-recentes-explicam-o-que-ocorre-no-corpo-dos-apaixonados-4363985.html> >. Acesso em: 7 jul. 2015.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. São Paulo: Record, 2009.

JANKOWIAK, W. R.; FISCHER, E. F. A cross-cultural perspective on romantic love. *Ethnology*. Pittsburgh, v. 31, n. 2, abr. 1992, p. 149-155.

KLUSMANN, D. Sexual motivation and the duration of partnership. *Archives of Sexual Behavior*. v. 31, n. 3, jun. 2002, p. 275-287.

KLUSMANN, D. Sperm competition and female procurement of male resource as explanations for a sex-specific time course in the sexual motivation of couples. *Human Nature: an interdisciplinary biosocial perspective*. v. 17, n. 3, set. 2006, p. 283-300.

MEIRELES, Cecília. O tempo seca o amor. Disponível em: < <http://contobrasileiro.com.br/?p=866> >. Acesso em: 7 jul. 2015.

MYERS, D. G. Close relationships and quality of life. In: KAHNEMAN, D.; DIENER, E.; SCHWARZ, N. (Ed.). *Well-being: the foundations of hedonic psychology*. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 374-391.

PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego (por Bernardo Soares)*. Org. Jacinto do Prado Coelho, Maria Liette Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Ática, 1982.

SAVULESCU, Julian; SANDBERG, Anders. Neuroenhancement of love and marriage: the chemicals between us. *Neuroethics*. v. 1, 2008, p. 31-44.

SHAKESPEARE, William. *The complete works*. Disponível em: <http://shakespeare.mit.edu/romeo_juliet/index.html >. Acesso em: 7 jul. 2015.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Trad. Ridendo Castigat Moris. eBooksBrasil, 2000. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/romeuejulieta.pdf> >. Acesso em: 7 jul. 2015.

SOPHIA, Eglacy C.; TAVARES, Hermano; ZILBERMAN, Mônica. Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico? *Revista Brasileira de Psiquiatria*. São Paulo, v. 29, n. 1, mar. 2007, p. 55-62.

THOMAS, Dylan. Do not go gentle into that good night. Disponível em: <https://www.internal.org/Dylan_Thomas/Do_Not_Go_Gentle_into_the_Good_Night >. Acesso em: 7 jul. 2015.

UCHINO, B. N.; HOLT-LUNSTAD, J.; SMITH, T. W.; BLOOR, L. Heterogeneity in social networks: a comparison of different models linking relationships to psychological outcomes. *Journal of Social and Clinical Psychology* – University of Utah. Salt Lake City, v. 23, n. 2, 2004, p. 123-139.

Artigo recebido em 7/07/2015, aprovado em 20/08/2015